

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA
ATLÂNTICA

ADRIANA APARECIDA BELINO PADILHA DE BIAZI
TEREZINHA GUERREIRO ERCIGO

**A FORMAÇÃO DO KUJÁ E A RELAÇÃO COM SEUS GUIAS ESPIRITUAIS
NA TERRA INDÍGENA XAPECÓ -SC**

FLORIANÓPOLIS/SC

2014

ADRIANA APARECIDA BELINO PADILHA DE BIAZI

TEREZINHA GUERREIRO ERCIGO

**A FORMAÇÃO DO KUJÁ E A RELAÇÃO COM SEUS GUIAS ESPIRITUAIS
NA TERRA INDÍGENA XAPECÓ - SC**

Trabalho apresentado como requisito para a obtenção do título em Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Terminalidade Gestão Ambiental na Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Vulfe Nötzold.

FLORIANÓPOLIS/SC

2014



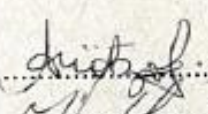
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

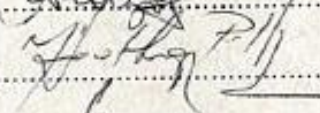
ATA DE DEFESA DE TCC

Aos 20 dias do mês de novembro do ano de dois mil e quatorze, às 13:30 horas, na Sala Girassol do Centro de Eventos da Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professora Ana Lúcia Vulfe Nötzold, Orientadora e Presidente, Professor Sandor Fernando Bringmann, Titular da Banca, e Professora Maria Dorotheia Post Darella, Suplente, designados pela Portaria nº 28/HST/2014 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso das acadêmicas Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazzi e Terezinha Guerreiro Ercigo, subordinado ao título: "A Formação do Kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó -SC". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, as acadêmicas expuseram o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, as mesmas foram argüidas pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestaram os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo as candidatas recebido da Professora Ana Lúcia Vulfe Nötzold, a nota final 10,0, do Professor Sandor Fernando Bringmann, a nota final 10,0, e da Professora Maria Dorotheia Post Darella, a nota final 10,0; sendo aprovadas com a nota final 10,0. As acadêmicas deverão entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Candidata,

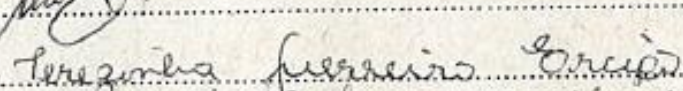
Florianópolis, 20 de novembro de 2014.

Banca Examinadora:

Prof. 

Prof. 

Prof. 

Candidato 

Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazzi



Atesto que o acadêmico(a) Adriana A.B.P. de Rêgo Teixeira e Araújo, matrícula n.º 11100005, 11100119, entregou a versão final de seu TCC cujo título é A formação da supli e sua relação com as, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa. guia espiritual na Terra Indígena Xapoco-SC

Florianópolis, 23 de Jan de 2015

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho marca o encerramento de uma importante etapa de nossas vidas, tanto pessoal quanto acadêmica e profissional. Diversas pessoas foram essenciais durante a trajetória que aqui se encerra, assim, nada mais justo que demonstrar nossa gratidão a essas pessoas. Peço desculpas, já de antemão se por ventura me esquecer de agradecer a alguém.

Queremos agradecer a Deus, pela vida, pela saúde, por nos ter dado a sabedoria de construir este presente trabalho. Agradecemos por tudo que conquistamos até aqui.

Agradecemos aos nossos familiares pelo incentivo, apoio, força, carinho, atenção e pelo amor incondicional em todos os momentos de minha vida e principalmente durante a graduação. E nossos pedidos de desculpas pela nossa ausência em momentos de encontro com toda a família reunida e que foram entendidos com compreensão e carinho. Obrigada!

Eu, Adriana agradeço meu esposo Andre de Biazi pelo seu incentivo aos estudos e por sua paciência e por estar junto nos momentos das entrevistas feito na pesquisa de campo. Agradeço minha família Belino pelo apoio nas dificuldades encontradas no caminho. Também agradeço as minhas irmãs Jandaira e Aline pela força que me deram em momentos de dificuldades encontradas na trajetória de curso. Agradeço a minha mãe Antoninha e pai Francisco pela compreensão em alguns momentos que estive ausente e não pude ir visitá-los. Obrigada.

Eu, Terezinha agradeço aos meus pais Bepino Ercigo e Nadir Guerreiro pelo dom da vida e por estarem comigo em todos os momentos de minha vida, apoiando e aconselhando com seu amor eterno. Obrigada.

Queremos agradecer em especial aos colegas de curso de Licenciatura Intercultural Indígena, Armandio Kankar Bento, Argeu Mig Amaral que nos ensinaram muito durante os quatro anos de curso. Ao Mauro Cipriano e Sebastião Ribeiro Camargo por terem nos ajudado durante a disciplina de Língua Kaingang.

Agradecemos a todos aqueles que em momentos diferentes e por razões diversas colaboraram para a realização desta pesquisa.

Ao povo Kaingang de Santa Catarina, especialmente as pessoas que colaboraram com o nosso trabalho de pesquisa de campo para que pudéssemos escrever o que nos foi ensinado durante as entrevistas feitas com, Matilde Koito, Cezário Pacífico, Claudemir Pinheiro, Pedro Alves de Assis Kresó e Ivanira Rodrigues.

A professora Dr^a Ana Lúcia Vulfe Nötzold, nossa orientadora de TCC que sempre nos apoiou e nos incentivou, aprendemos muito com a sua sabedoria, obrigada pelo acolhimento, carinho e incentivos nos momentos em que precisamos.

Aos colegas Kaingang, Ivania Mendes, Juliana Oliveira, Getulio Narcizo, Paulo R. dos Santos, Gilmar Mendes, Marcos R. Fernandes, Charles M. Luiz, Marieli Gonsalves, Janete de Paulo, Valdemir Pinheiro, Claudemir Pinheiro, João Sagrinso Emílio, Ivone da Silva, Cleci Claudino, Elizamara Ferreira, Batista Amaral, Claciane Crespo, Benjamim Crespo, Argeu Amaral, Jusué Cândido Fortunato, Cenira Claudino, Solange Emílio, Derli Bento, Armandio Kankar Bento, Arão da Rosa, Mauro Cipriano, Irani Miguel, Pedro Cipriano, Sebastião Ribeiro Camargo, Tamara Mineiro, Adriana Inácio Claudino e Daniel de Oliveira, que fizeram parte desta jornada acadêmica pelas trocas de experiências, aprendemos muito com vocês, nos diálogos e trabalhos que fizemos juntos, nesse tempo que estivemos juntos nos tornamos uma família. Obrigada pela amizade de todos.

Agradeço à Universidade Federal de Santa Catarina, aos professores do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC e aos funcionários de limpeza.

Agradecemos a coordenação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, pela dedicação, respeito e carinho por todos.

Agradecemos aos professores Maria Dorothea Post Darella e Sandor Fernando Bringmann pela gentileza de aceitarem o convite para banca de defesa desta pesquisa, para nós é uma honra.

RESUMO

Através deste trabalho é possível compreender um pouco mais sobre a cultura Kaingang desde o mito de surgimento do povo, as marcas tribais ou metades exogâmicas kamê e kanhru, bem como, acontece o processo de formação de um Kujá, no qual envolve toda uma ritualização dos Kaingang da Terra Indígena Xapecó, com banhos de ervas, purificação, ensinamentos dos Kujá mais velhos, ou até mesmo ensinamentos pelos próprios guias, restrições alimentares (jejuar) e sexuais. O Kujá é um curandeiro e líder espiritual dentro da aldeia, possuem guias espirituais (jagrê) que podem ser animais, vegetais e santos do panteão católico, esses guias lhes dão ensinamentos sobre os remédios do mato e lhes acompanham nas práticas de curas, possuem a função de proteger a aldeia espiritualmente inclusive na festa do kiki koj, culto aos mortos, protegem as pessoas das almas dos que já faleceram. Os Kujá possuem o domínio de transitar entre o mundo dos vivos e dos mortos. A manifestação do guia espiritual para o Kujá acontece na hora em que a pessoa escolhida está totalmente purificada, o guia vai lhe proteger e dar ensinamentos. Ainda hoje o Kujá é muito respeitado pelos Kaingang, seu trabalho é espiritual e cultural onde não somente trabalha em sua região, mas também vai fazer seus trabalhos quando chamam em outras Terras Indígenas. A complexidade da cultura Kaingang vai além do nosso entendimento, muitas coisas são sagradas que somente os escolhidos podem entendê-la como é o caso dos Kujá.

Palavras chaves: Kujá, guias espirituais, cultura

RESUMO

Kỹ rãnrãj tag ãg jykre tỹ há nĩ, ãg jamã ki kanhgág kófa ag vỹ nén ã e tug tó, ãg mỹ hamẽ ãg povo Kaingang vỹ ga nor ki vẽnhen kỹ nĩ, grupo régre vẽnhen janĩ hamẽ ãg rá tỹ kamẽ mré kanhru hamẽ jovo uri ãg jamã ki, Kujá tỹ pir nỹti kỹ ty ãg mỹ kórég nĩ. Hamẽ ãg tỹ vẽnhkagta ã javãnh ãg pi vẽn mũ ãg jamã ki, Kujá tỹ kẽg ter kar mũ kỹ ãg mỹ kórég nĩ, javo uri ãg jamã ki, Kujá tỹ pipir nỹti hamẽ kỹ gevẽ sir.

Palavras chaves: Kujá, Jagrẽ, Tũ Pẽ

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Terra Indígena Xapecó-SC, e a distribuição espacial das aldeias, 2014.	26
Figura 2 - Desenho das marcas tribais do povo Kaingang.	30
Figura 3-Filha de Ivanira Rodrigues com seu neto que perdeu o espírito, (Mariana Pinheiro e seu filho Gabriel Pinheiro Fernandes).....	34
Figura 4-Matilde Koito, remedieira Kaingang da Terra Indígena Xapecó, 2014	36
Figura 5- Figura 5: Ivanira Rodrigues, curandeira “Kujá” da Terra Indígena Xapecó, 2014	42

LISTA DE COLABORADORES

Cezário Pacífico, 61 anos, aldeia Sede, funcionário do escritório do posto da FUNAI.

Claudemir Pinheiro, 41 anos, aldeia Olaria, Kujá, professor bilíngue e coordenador pedagógico.

Ivanira Rodrigues, idade não encontrada, aldeia Sede, curandeira “Kujá”.

Matilde Koito, 61 anos, aldeia Sede, parteira e dona de casa.

Pedro Alves de Assis Kresó, 49 anos, aldeia Sede, professor bilíngue das series iniciais.

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1 - Músicas na língua Kaingang sobre os animais.....	47
--	----

GLOSSÁRIO

Kujá: Líder Espiritual Kaingang, rezador, benzedor, responsável pelas curas espirituais e físicas.

Jagrê: Guia espiritual.

Kamê: metade tribal Kaingang tem a pintura corporal em forma de um risco de cor preta.

Kanhru: metade tribal Kaingang que tem a marca redonda de cor vermelha.

vājên ky ou jênky mág: É um subgrupo da metade Kamê.

Votor ou Rá nug nor: É um subgrupo da metade kanhru.

Topê: Deus.

Kófa: velho.

Kajêr: macaco/mico.

Kiki koj: Culto aos mortos.

Fóin: Ouriço/porco espinho.

Fóg: não- indígena.

Gatân: Donos da Terra

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
INTRODUÇÃO	16
CAPITULO 1- OS KAINGANG	21
1.1 Quem são os Kaingang e onde vivem.....	21
1.2 História.....	22
1.3 O surgimento do povo Kaingang	27
1.4 O ritual do kiki koj: fandango Kaingang	30
Capitulo 2- OS KUJÁ DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ.....	33
2.1 A formação do Kujá.....	36
2.2 O ritual de trabalho do Kujá.....	39
2.3 A manifestação do guia espiritual para o Kujá	40
2.4 Relatos de cura feito pelos Kujá	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	49

APRESENTAÇÃO

Eu sou Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazzi, pertenço ao povo Kaingang; tenho 22 anos, nasci dia 21/09/1991 no município de Faxinal dos Guedes Oeste de Santa Catarina, onde morei até meus 5 anos de idade; depois fomos morar na Terra Indígena Xapecó/TIX conhecida como Posto Indígena, pois a política interna indígena é diferente, isto é, quando uma mulher Kaingang se casa com não indígena, não pode morar dentro da aldeia por isso voltamos somente depois que eu nasci, onde o cacique Osvaldo Belino autorizou a entrada da minha família na T.I. Meus pais são Antoninha Belino Padilha e Francisco Padilha. Estudei em escola indígena desde o jardim de infância até o Ensino Médio onde me formei no ano de 2008; fiz dois vestibulares para ingressar na Universidade Federal do Paraná, a primeira prova realizei na cidade de Londrina, outro em Cascavel, mas não fui aprovada. Fiquei o ano de 2009 sem estudar, pois não sabia que curso iria fazer, não queria entrar na Universidade em um curso que não tinha certeza da minha decisão. Em 2010 fiz três vestibulares para ingressar no curso de Direito e Nutrição da UNOCHAPECÓ, Psicologia na UNOESC de Xanxerê. Minha mãe achou melhor que ficasse perto dela, e fez minha matrícula no curso de Psicologia onde fiz até o 3º período; neste ano decidi morar junto com meu namorado na cidade de Xanxerê, já mantínhamos uma união estável, isso por que não dava para morar dentro da aldeia devido o trabalho que tinha na cidade e facilitava também no acesso para cursar Psicologia. Neste mesmo ano saiu a notícia do vestibular para ingressar na UFSC em Licenciatura Intercultural Indígena, minha mãe me incentivou a fazer e confesso que estava desanimada, pois havia feito dois vestibulares para Universidades Federais e não tinha tido tanta sorte assim; mas fiz porque minha mãe também iria fazer a prova, quando saiu o resultado não quis saber, pois pensava que não tinha sido aprovada, mas minha mãe foi a primeira, a saber do resultado dos aprovados, tentou me informar, mas não conseguiu, avisou meu pai que estava trabalhando em Faxinal dos Guedes que me ligou e disse que tinha conseguido, mas também não sabia me explicar certo e me deixou com muita esperança e na expectativa, imediatamente entrei em contato com minha mãe que confirmou que eu iria para a UFSC. Em 2011 os aprovados estavam em Florianópolis na UFSC, na sala do CFH, onde tudo começou. As amizades verdadeiras, histórias diferentes de cada povo: Guarani, Kaingang, Xokleng de diferentes estados do Brasil. Neste mesmo ano participei de uma promoção da 101 FM de Xanxerê “QUER CASAR COMIGO”, que ganhava o casamento completo, dia

30 de outubro saiu o sorteio, as 17:00 da tarde recebi um telefonema onde falei ao vivo que eu havia ganhado, saíram 3 sorteios e todos saíram meu nome, isso sem dúvida foi por Deus. Dia 18/05/2012 as 21h00min me casei com Andre Fernando de Biazi, foi o dia mais feliz da minha vida por estar realizando um sonho, e em 2015 irei realizar meu sonho de estar formada em Licenciatura Intercultural Indígena onde me encontrei como professora que sou hoje.

Eu sou Terezinha Guerreiro Ercigo, tenho 23 anos, nasci no dia 10/04/1991 pertencendo ao povo Kaingang, moro na Terra Indígena Xapecó, Aldeia Limeira, Oeste de Santa Catarina, município de Entre Rios, onde nasci e me criei com os meus pais Bepino Ercigo e Nadir Guerreiro. Tenho vários irmãos, sou de uma família bem grande. Nasci em meio à natureza, em um lugar chamado Furão, próximo ao rio Chapecózinho. Sempre gostei de estar próxima a natureza, assim me sinto livre. Vivi a minha infância livre para brincar, aos seis anos de idade fui à escola na aldeia Matão onde estudei até a 4ª série. Naquela época não tinha as séries finais do ensino fundamental na TIX no município de Entre Rios, então minha família foi para a Aldeia Limeira para que eu e minha irmã pudéssemos estudar em Entre Rios no colégio PIO XII, foi nessa escola que me formei no ensino médio no ano de 2008, nesse mesmo ano prestei vestibular na Universidade do Oeste de Santa Catarina/UNOESC e passei no curso de Ciências Biológicas/Bacharelado, que cursei até o 5º período. No ano de 2010 fiz o vestibular da UFSC para o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica e no momento, estou cursando o 7º período. Quando comecei a fazer esse curso fiquei encantada e percebi que era realmente o que eu queria fazer, então tranquei o curso de Ciências Biológicas, fiz a escolha certa, sempre tive o desejo de fazer alguma coisa para ajudar o meu povo. A partir desse curso tenho uma visão mais clara de como eu posso melhorar a educação e como fazer uma educação diferenciada e específica de acordo com a cultura Kaingang, e pelo fato de ter uma afinidade com a natureza escolhi o curso de Gestão Ambiental, e a escolha do tema “A formação do Kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó/ SC” é pelo fato de querer conhecer mais sobre a cultura do meu povo Kaingang e esse é um assunto que me chama atenção por envolver o Kujá e a espiritualidade, pois toda a cultura está relacionada com a natureza, com as plantas e os animais.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa começou a se delinear durante o curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica que se iniciou no ano de 2011, onde traz uma breve introdução abordando a história do surgimento do povo Kaingang, contado através da história oral, pois “A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea”. (NÖTZOLD, BRINGMANN, 2011). O povo Kaingang se baseia na história oral para passar sua cultura adiante, sendo assim, segundo o livro Ouvir Memórias e Contar Histórias: Mitos e Lendas Kaingang, o povo Kaingang surgiu da terra:

Com base nos relatos de pessoas mais velhas de nossa aldeia, contam-se sobre a origem do povo Kaingang, onde existia a natureza, pois os animais viviam livres, em harmonia entre si; cantavam, dançavam, com suas formas próprias de se comunicar (linguagem, gestos, etc). E na floresta tinha uma montanha, desta montanha surgiu um ser forte e alto, que nasce ao nascer do sol que se chamava kanhrũ e nesse mesmo dia surgiu outro ser, no pôr por sol, esse ser era mais baixo e se chamava kamẽ. Caminhando em meio ao novo paraíso escutaram barulhos entre as árvores, então foram ver o que havia lá. Quando chegaram viram seres estranhos, que eram os animais, e perceberam que havia uma comunicação entre eles. Kamẽ e kanhrũ não tinham uma forma de se comunicar com eles e a coruja então se aproximou e começou a ensinar a língua dos animais. (NÖTZOLD, 2006, p. 25-26).

Este mito é contado pelos kófa¹ aos filhos e netos que fazem parte da família dos mesmos, assim a memória e oralidade não morre ela permanece no consciente dos ouvintes, com o passar dos anos vai sendo contada de formas diferentes, pois é dinâmica. Afirma isso com mais clareza a apostila usada na disciplina de Metodologia da Pesquisa elaborada pela Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Vulfe Nötzold e pelo Doutorando Sandor Fernando Bringmann.

O passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. A narrativa da memória é mutável, sofre variações que vão da ênfase e da entonação a silêncios e disfarces. O que foi lembrado, como foi narrado, em que circunstância foi evocado o fato; tudo isso integra a narrativa, que sempre nasce na memória e se projeta na imaginação, que por sua vez, se materializa na representação verbal que pode ser transformada em fonte escrita. Memória, imaginação e representação são bases que sustentam qualquer narrativa sobre o passado e o presente. (NÖTZOLD, BRINGMANN, 2011, p. 04, 05).

¹ Kófa- velhos, são as pessoas da comunidade que possuem muita sabedoria.

A relação que há entre os Kaingang e os animais tem uma ligação sagrada, que faz parte da cultura e tradição do povo. Ainda existem muitas outras histórias relacionadas ao surgimento do povo Kaingang que os kófa contam que será abordado no decorrer desta pesquisa, é possível que apareçam diferentes histórias, pois a memória se projeta através da imaginação.

A tradição dos kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão (...) saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome kañerú e kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Diziam que kañerú e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e os seus companheiros, ao contrário eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções (NIMUENDAJU, (1913)1993: 58-59).

Vindo ao encontro da importância dos animais na cultura Kaingang nos anexos está explicito algumas musiquinhas na língua Kaingang onde fala das características dos animais e como eles se comportavam na época.

Os velhos e eles cantam já pãn mág, já pãn grãnh com chocalho e tudo, o sygsy, então ele cantava sobre a característica dele, é como ele tem a boca grande a gengiva grande então gengiva mole, então é sobre a característica dele, já pãn mág já pãn grãnh e assim por diante o ouriço, por exemplo, tem a musiquinha do macaco quando ele tava lá trabalhando com o artesanato, do macaco também cantando trabalhando lá no mundo dos animais e de acordo com essas explicações os velhos faziam a musiquinha dentro da língua Kaingang e cantavam pras criança no passado no mundo mais antigo já digo do povo Kaingang, quando eles cantam sobre o ouriço nas festas dele ele tem todo seus espinhos então o que ele faz ele vinha no meio da multidão ali no mundo dos animais, aí ele falava isso, ele chamava os espinho dele que era a arma dele ou flecha como se fosse um revolver alguma coisa assim que ele dizia: NO MÁG, KER NO MÁG KI JĂG KI TO TO, que era pros outros companheiros sair de perto por causa dos espinhos dele por que ele chamava os espinhos dele de arma a defesa dele (ASSIS, entr, 2014).

Os Kaingang ocupam regiões desde o interior do São Paulo até o Rio Grande do Sul, em 55 comunidades. (NÖTZOLD; ROSA, BRINGMANN, 2012, p. 49). Segundo o linguista Aryon Dall'Igna Rodrigues (1986), a língua Kaingang pertence à família “Jê”, do tronco linguístico “Macro Jê”. É oportuno destacar que esta pesquisa se limita à Terra Indígena Xapecó (TIX) que se localiza no Oeste de Santa Catarina. A cultura Kaingang baseia-se na tradição oral que são passados de pais para filhos, toda cultura e o conhecimento é transmitida principalmente pelos kófa da T.I, que são os sábios que conhecem a natureza e seus benefícios e tudo o que ela tem a nos oferecer tanto para alimentação como para a saúde, nos dias atuais ainda são utilizados os remédios do mato e alguns alimentos como folhas e raízes e a coleta do mel, caça e pesca, mas, além

disso, as escolas também são referências em transmitir sobre a cultura Kaingang a tradição escrita.

A economia para o sustento das famílias é baseada na agricultura e trabalho assalariado dentro e fora da aldeia; algumas famílias ainda fazem a confecção de artesanatos para venda, tais como, tuias, cestos, balaios, cocares, colares, brincos, lança, arco e flecha, presilha para o cabelo, anéis, pulseiras sendo que para a confecção dos mesmos é retirada matéria prima da natureza entre elas a taquara, cipó, embira, sementes de timbó, semente de uva japonesa, rosário, penas de aves, semente de sinamomo, entre outros. Na TIX existem dois tipos de floresta, a floresta ombrófila mista constituída por araucárias e a floresta estacional decidual caracterizada por árvores de grande porte que em certas épocas do ano caem às folhas, conforme foi explicado e estudado na disciplina Biodiversidade e Sociodiversidade, em 2012.1, pelos professores Nivaldo Peroni e Natália Hanazaki.

Esta pesquisa compreende a importância da formação do Kujá² e as relações com seus guias espirituais, também enfatizar as metades tribais kamẽ³ e kanhru⁴ relacionada ao mito de surgimento do povo Kaingang.

A realização deste estudo tem sua importância cultural para o povo Kaingang onde existe uma grande relação entre as metades tribais kamẽ e kanhru na criação dos animais, sendo que estes são de importância na cultura deste povo. Alguns animais são guias espirituais do Kujá, tendo também toda uma relação com a natureza para as práticas de cura e o batismo da criança recém-nascida, fazendo assim todo um ritual para que os guias animais e o espírito da natureza possam ensinar os remédios para cada tipo de enfermidade. Todos os Kaingang tem uma ligação com os animais, sendo que para a cultura tem os que são do bem e os que são do mal, mas para o Kujá não existe esta divisão, pois todos os animais transmitem mensagens que ajudam na sua espiritualidade e a compreender a cultura.

Este estudo é uma forma de valorizar e registrar o conhecimento dos nossos kófa, podendo ser material de pesquisa e de apoio para a comunidade e as futuras gerações.

² Kujá Líder Espiritual Kaingang, rezador, benzedor, responsável pelas curas espirituais e físicas.

³ Kamẽ metade tribal Kaingang tem a pintura corporal em forma de um risco de cor preta.

⁴ Kanhru metade tribal Kaingang que tem a marca redonda de cor vermelha.

Esse trabalho foi desenvolvido a partir do conhecimento dos sábios da aldeia que são os kófa, através de entrevistas e conversas, é importante registrar a cultura Kaingang, pois os sábios estão morrendo e com eles a nossa cultura, é necessário que as futuras gerações também conheçam esses aspectos fundamentais do povo Kaingang. Escrever sobre o Kujá é muito delicado, pois estamos falando da espiritualidade Kaingang uma questão sagrada que nem tudo pode ser revelado, estão além do nosso saber, são conhecimentos que pertencem somente ao povo.

Sendo acadêmicas Kaingang do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foi a partir deste curso que surgiu o interesse em realizar pesquisas sobre a cultura do povo Kaingang especialmente da Terra Indígena Xapecó- SC, onde vivem índios Kaingang e Guarani. Apesar da influência dos não índios, os Kaingang mantêm uma relação muito forte com a sua cultura e com a natureza, o que os torna um povo guerreiro que luta para manter seus costumes e tradições.

Algumas problemáticas são respondidas neste trabalho que foram levantadas no projeto de TCC. Quais são as fontes e razões para que a cultura Kaingang estabeleça uma relação com os animais? Qual é a relação cultural dos Kaingang com os animais, e como se dá esta formação do Kujá com seu guia espiritual?

As hipóteses foram levantadas a partir da problemática; a relação dos Kaingang com os animais que só se efetiva a partir de uma ritualização; tendo uma fundamentação histórica envolvendo a relação da cultura Kaingang com os animais que se estabelece a partir das metades tribais Kamẽ e Kanhru; a história tradicional Kaingang mostra que o kamẽ e kanhru têm uma relação muito complexa com os animais; e a personalidade do Kujá se efetiva a partir do recebimento do seu jagrẽ⁵.

Os dados para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso - TCC foram realizados na Terra Indígena Xapecó-SC, através de entrevistas de história oral com os kófa, das seguintes aldeias: Sede ou Jacu e Olaria. Além de análise de fontes bibliográficas escritas, tais como os etnógrafos Curt Nimuendajú (1913) e Telêmaco Borba (1908).

O estudo intitulado “A formação do Kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó- SC” está dividido em dois capítulos que aborda os seguintes assuntos: 1º capítulo “**Os Kaingang**”, quem são e onde vivem, bem como história dos

⁵ Jagrẽ, guia espiritual do Kujá que pode ser animal ou vegetal.

Kaingang da T.I.X, o mito do surgimento do povo Kaingang contada pelos kófa da aldeia relacionando com o mito escrito pelos etnógrafos Curt Nimuendajú e Telêmaco Borba e também o fandango Kaingang. Aborda a história do povo Kaingang atual e os mitos contados através da história oral principalmente pelos kófa. O 2º capítulo aborda **“os Kujá da Terra Indígena Xapecó”**, a formação do Kujá e a manifestação do guia espiritual para o Kujá, assim como, alguns relatos de cura feita pelos Kujá, principalmente a busca de espíritos de crianças que foram perdidos devido a alguns fatos que acontecem no dia a dia e muitas vezes a família não percebe, realizada a partir da história oral contada pelos próprios Kujá, onde também há vários processos para a formação de um Kujá que envolve uma série de questões, entre elas, restrições, purificação, banho de ervas, aprendizagem com os Kujá mais velhos da comunidade e até mesmo com os próprios guias..

CAPITULO 1- OS KAINGANG

1.1 Quem são os Kaingang e onde vivem

Os Kaingang pertencem a um povo com características fortes que vem há muito tempo lutando para manter sua cultura e tradição até os dias atuais, e vivem em um território que seus antepassados ocupavam que possui grande parte de floresta onde retiram matéria prima para produzirem seus artesanatos, localizam-se no sul do país nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, por ser uma região de mata de araucária, pois o pinhão faz parte da alimentação desse povo.

De acordo com Jeniffer Caroline da Silva (2011, p. 5) “A designação etimológica Kaingáng traz consigo uma indefinição quanto aos créditos reais de sua “descoberta”. O termo Coroados foi o que por muito tempo identificou esta etnia, embora fosse uma denominação da qual não gostavam”. O primeiro pesquisador Telêmaco Borba, por muitos anos foi considerado o primeiro a utilizar a denominação Kaingang para se referir aos coroados, como eram chamados na época, para poder diferenciá-los do povo Guarani. Silva (2011), afirma em seu trabalho que: “estudos desenvolvidos por Lúcio Tadeu Mota revelam que outros autores, sendo eles Camilo Lellis da Silva, em 1865, e Franz Keller, em 1867, já utilizavam “*Caingang*” ou “*Caengang*” para se referir à etnia”.

Hoje os Kaingang vivem em um espaço limitado em pequenas Terras Indígenas que foram demarcadas, muitas vezes impossibilitando-os de manterem sua cultura sem influência de outras culturas, mas no passado ocupavam parte do território do sul do país mais precisamente na região oeste e seu espaço não era delimitado, sobreviviam da caça, pesca e coleta de mel, frutos e folhas fornecida pela própria natureza, também cultivavam milho, abóboras e feijão.

Ainda no século XIX, as regiões ocupadas pelos Kaingang, sem ter um contato direto era uma passagem esporádica de viajantes e bandeirantes, segundo Silva (2011, p.6) “Seu território passa a ser alvo das frentes de expansão incentivadas pelo mercado consumidor de charque, que abastecia as regiões mineradoras e de exploração cafeeira”. De acordo com FERNANDES (1941, apud Nötzold, 2003, p. 70):

A mineração em Minas Gerais e posteriormente a lavoura cafeeira no Rio de Janeiro, Espírito Santo e Vale do Paraíba em São Paulo impulsionaram o mercado de gado muar e vacuum, o que exigiu o aumento dos campos de criação, dirigindo assim a primeira frente pastoril para os campos de Guarapuava em 1809, dos quais se conhecia alguma coisa, graças a uma primeira expedição exploratória [...] que apesar de não conseguir conquistar a região, fez um primeiro reconhecimento para a futura ocupação destes campos (NÖTZOLD, 2003, p. 70).

No início do século XIX, a região ocupada por Kaingang não era alvo de colonizadores; ficou sendo o alvo principal das frentes de expansão incentivadas pelo mercado que nestas regiões mineradoras era feita o abastecimento das frentes de exploração cafeeira. Segundo Silva (2011,06) “As populações indígenas eram consideradas por D. João VI [...] como um fator de retardo ao processo de desenvolvimento do Império e sugeria “guerra justa”, pois acreditava que os indígenas não alcançariam a condição de civilizados”.

1.2 História

A Terra Indígena Xapecó se localiza no Oeste de Santa Catarina entre os rios Chapecó e Chapecózinho, e se situa nos municípios de Ipuçu e Entre Rios, com aproximadamente 15.623 hectares de terra. A TIX possui 16 aldeias: Sede ou Jacu, Olaria, Serrano, Cerro Doce, Pinhalzinho, Campos Oliveira, Água Branca, Limeira, Fazenda São José, Matão, João Veloso, Paiol de Barro, Barro Preto, Guarani, Baixo Samburá e Manduri. Sendo que a aldeia Campos Oliveira surgiu em decisão da comunidade, em 10/03/2013. A Terra Indígena Xapecó tem uma população aproximadamente de 5.451 indígenas segundo os dados da SESAI 2013.

Em 1850 surge a lei de terras, para que juridicamente tenham seus títulos estabelecidos amparados pela Lei nº 601. SILVA (2011, p. 08) afirma que a partir da Lei referida que, “as terras que até então eram cedidas através de sesmarias passavam a receber um registro legal, ou se tornavam devolutas, a partir da não utilização da mesma”. As formas tradicionais de posse das terras que eram as sesmarias mencionadas por SILVA, eram de morar e usar a terra. Segundo SILVA (2011, p. 09), “Por volta de 1870, a Colônia Militar de Xapecó precisava instituir uma passagem onde seria implantada uma linha telegráfica, ligando a colônia ao resto do país”.

Segundo NÖTZOLD (2003, apud, SILVA, 2011, p. 09): “em março de 1882 foi instalada em Xanxerê a Colônia Militar de Xapecó, que tinha como comandante José Bernardino Bormann e cuja primeira tarefa foi ‘aldear’ os indígenas próximo à colônia, liberando assim mais terras para os fazendeiros”.

O principal objetivo das colônias militares era de proteger a população em torno das áreas indígenas. Naquela época a mão de obra mais barata seria a dos indígenas, comandados por Vitorino Condá e após a morte de Condá, o cacique Vanhkre, que desempenhavam as atividades, conforme iam se deslocando os indígenas davam nome às regiões na língua Kaingang como, por exemplo, “Chapecó, Xapetkó”.

Segundo SILVA (2011), [...] a figura de Vitorino Condá pode ser encarada como contraditória, tendo em vista que facilitou o processo de pacificação criando alianças com os fazendeiros da região. Para os Kaingang as atitudes de Condá estavam prestes a prejudicar no futuro todo o grupo. A partir da memória dos Kaingang Kófa, Condá faleceu com idade avançada, depois de 1870, sem registros da data certa de seu falecimento.

O então cacique Vanhkre, em seus acordos solicita em troca da mão de obra dos indígenas, que o pagamento pelos serviços fosse terras. A TIX teve origem no decreto de 18 de junho de 1902, assinado pelo então presidente do estado do Paraná, Francisco Xavier da Silva⁶.

Decreto Nº 7

O Governador do Estado do Paraná, atendendo a que a tribu de índios Coroados de que é chefe o cacique Vaicrê, em número aproximado de duzentas almas, acha-se estabelecido na margem esquerda do rio Chapecó, no município de Palmas; e

Considerando que é necessário reservar uma área de terra para que os mesmos índios possam, com a necessário estabilidade dedicar-se à lavoura, á que estão afeitos;

Usando da autorização que lhe confere o artigo 29 da Lei nº 68 de 20 de dezembro de 1892

Decreta:

Art. Único.

Fica reservada para o estabelecimento da tribu de indígenas coroados ao mando do cacique Vaicrê, salvo direito de terceiros, uma das áreas de terra compreendida nos limites seguintes:

A partir do rio Chapecó, pela estrada que segue para o sul, até o passo do rio Chapecósinho, e por estes dous rios até onde elles fazem barra.

Palácio do Governo do Estado do Paraná, em 18 de Junho de 1902, 14º da República.

⁶ NÖTZOLD, L.V. **O ciclo de vida Kaingáng**. Florianópolis; Ed,Imprensa Universitária da UFSC, 2004, p 05.

Francisco Xavier da Silva
Artur Pedreira de Cerqueira⁷.

Depois do decreto que tornava os indígenas legítimos proprietários da terra, o território foi sendo reduzido conforme foi se passando os anos, hoje restando um pouco mais de 15 mil hectares, sendo que há divergências quanto ao seu tamanho original. Conforme a homologação administrativa da terra, em 1991:

Art. 1º. Fica homologada, para os efeitos do art. 231 da Constituição Federal, a demarcação administrativa promovida pela Fundação Nacional do Índio (Funai) da área indígena Xapecó, localizada nos Municípios de Marema e Xanxerê, no Estado de Santa Catarina, com a superfície de 15.623,9581ha (quinze mil, seiscentos e vinte e três hectares, noventa e cinco ares e oitenta e um centiares) e perímetro de 103.779,37m (cento e três mil, setecentos e setenta e nove metros e trinta e sete centímetros), (Decreto nº 297, de 29 de Outubro de 1991. Diário Oficial da União - Seção 1 - 30/10/1991, Página 24049 (Publicação Original)).⁸

No passado houve o contato com o não índio que influenciou na dinamicidade da cultura, mudando alguns aspectos que faziam parte da cultura, um exemplo disso é o ritual do “kiki koj”, que foi realizado pela ultima vez no ano de 2000 na Terra Indígena Xapecó, os kófa que faziam parte desse ritual faleceram, e os mais jovens não tiveram interesse para seguir com o ritual em frente, também houve a influência das igrejas evangélicas, pois nesse ritual há um consumo exagerado da bebida “kiki koj”, que contém um teor elevado de álcool. Esses são alguns dos fatores que interferiram na cultura mudando o modo de ser e viver Kaingang. “Atualmente esta comunidade trabalha para recuperar antigas tradições indígenas através da escola e da participação dos mais idosos da comunidade”. (NÖTZOLD, 2004, p. 06).

Ainda há a presença de diversas religiões com predominância das religiões pentecostais. (OBEDUC/CAPES/DEB/INEP/LABHIN, Relatório parcial, 2013).

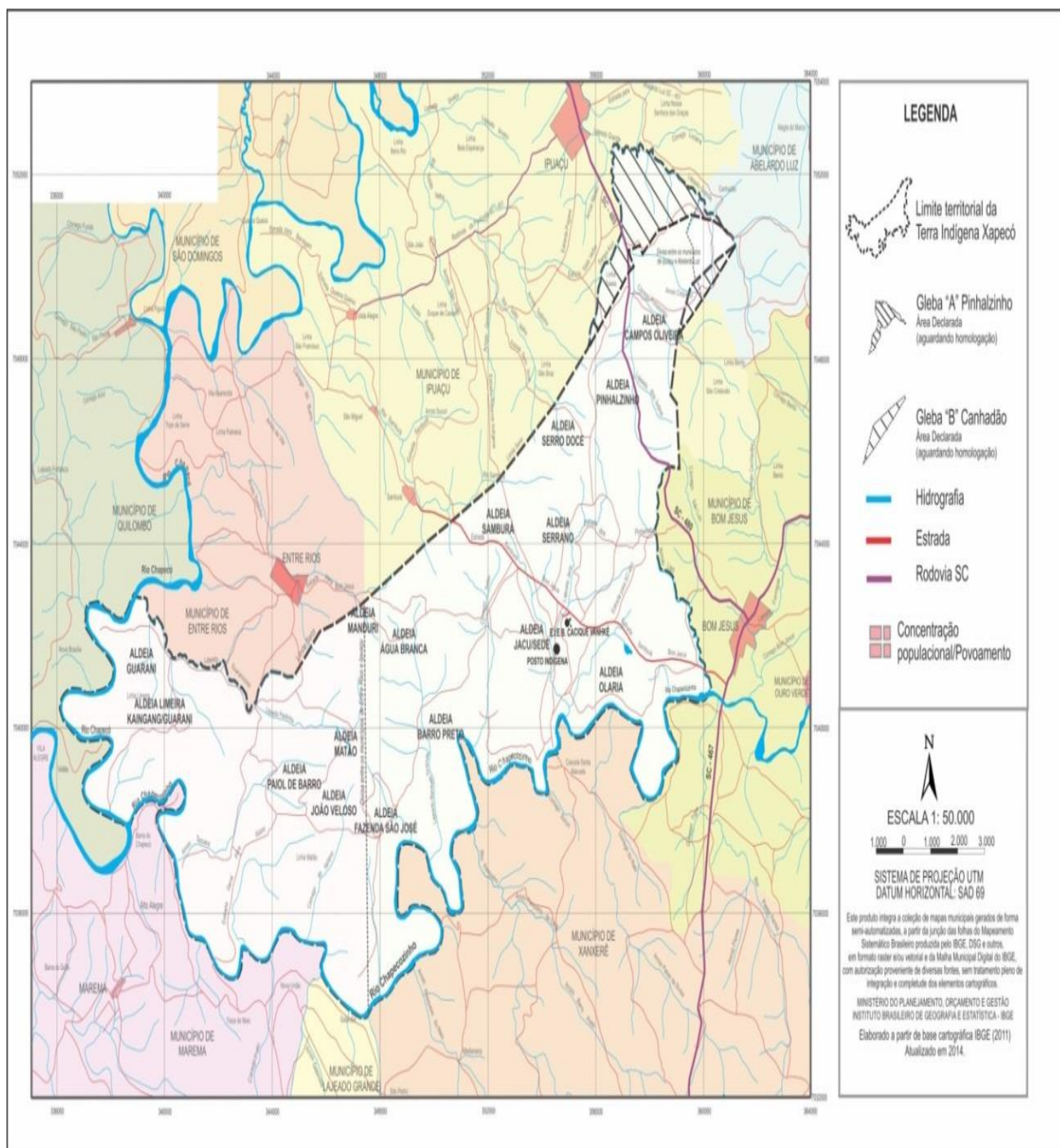
Hoje na TIX existem varias religiões presentes, a católica e as religiões evangélicas que se dividem em várias igrejas, a predominância do pentecostalismo

⁷ Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Francisco Xavier da Silva, governador do estado do Paraná pelo Bacharel Artur Pedreira de Cerqueira, Secretario d’Estado dos negócios de obras públicas e colonização em 31 de dezembro de 1902, Curitiba. Acervo: Escola Indígena de educação Básica Cacique Vanhkre.

⁸ Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1991/decreto-297-29-outubro-1991-343009-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 29 de Setembro de 2014.

influência no modo de ser Kaingang, na cultura nos costumes, tradições e crenças, as pessoas que seguem essas religiões vivem de acordo com as doutrinas das mesmas, muitas vezes esquecendo-se da própria cultura, algumas práticas de curas dos Kujá e curandeiro são proibidas enquanto outras práticas como benzimentos e rezas são feitos de acordo com a religião católica, acreditam em todos os santos do panteão católico com muita devoção, nas entrevistas realizadas com os Kujá para a construção desse trabalho, percebe-se essa influência das religiões na cultura e na espiritualidade dos Kujá.

Figura 1 - Mapa da Terra Indígena Xapecó-SC, e a distribuição espacial das aldeias, 2014.



Fonte: Carina Santos de Almeida – Acervo LABHIN, 2014.

Este mapa mostra a atualidade da distribuição espacial das aldeias e a extensão de terra em hectares, também em toda a TIX existem nove escolas, sendo uma escolas de Educação Básica e com Ensino Médio e oito de Ensino Fundamental, sendo que seis escolas são multisseriadas incluindo uma escola Guarani. O ensino também abrange a educação infantil, alunos com necessidades educacionais específicas e o EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O acesso à Terra Indígena se dá por rodovias federais e estaduais, sendo as distâncias assim especificadas:

São Miguel D'Oeste-Ipuaçu: 160 km

Concórdia- Ipuaçu: 92 km

Florianópolis- Ipuaçu: 539 km

Terra Indígena Xapecó- Ipuaçu: 13 km

Terra Indígena Xapecó- Xanxerê: 25 km⁹.

1.3 O surgimento do povo Kaingang

Contam os Kaingang mais velhos da Terra Indígena Xapecó que o povo Kaingang surgiu de um buraco da terra na montanha, eram dois grupos, onde há uma divisão que são as metades tribais; O primeiro grupo surgiu de um lado da montanha mais na parte inferior que são os kamẽ, com um número maior de pessoas; nascem no nascer do sol, ou seja, no lado da nascente; os kamẽ têm os pés grandes, pois quando saíram da terra passaram por um lugar de pedregulho (pedras) são de estatura baixa devido terem saído da parte inferior da montanha, também são bravos guerreiros, tendo como marca três riscos devido aos raios do sol que estava nascendo.

Então surge o segundo grupo que nasce do lado superior da montanha no pôr do sol, que são os kanhru que tem um número menor de pessoas tem os pés pequenos, ao sair da terra passaram por águas até a superfície; são pessoas calmas com boas

⁹ NÖTZOLD, 2004. op. cit., p. 07.

estratégias tornando-os bons líderes são fortes, de estatura alta, devido ter nascido na parte superior da montanha.

Segundo Nimuendajú o surgimento é assim contado:

A tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles tem a cor da terra. Numa serra no sertão de Guarapuava, não sei bem aonde, dizem eles que até hoje se vê o buraco pelo qual eles subiram. Uma parte deles ficou em baixo da terra onde eles permanecem até agora, e os que cá em cima morrem vão se juntar outra vez com aqueles. Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome. *Kanerú* e *kamé*, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que *Kanerú* e a sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto nos seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. *Kamé* e os seus companheiros, ao contrario, eram de corpo grosso, pés grandes, e vagarosos nos seus movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram todas as plantas e animais. (NIMUENDAJÚ, 1913, p. 58-59).

Os grupos desceram a montanha, chegando à floresta ouviram um barulho estranho, mas eles não tinham uma forma de se comunicar entre eles, então que viram os animais em festa, cantando e dançando. Foi aí que os dois grupos se conheceram, o *kanhru* aprendeu a dançar com o *kajër*¹⁰ e o *kamê* com o *fóin*¹¹, aprendendo a falar na língua Kaingang e a dançar com os animais. Assim relatou o professor Pedro Kresó Alves de Assis em sua entrevista, que cada animal ensinou para o grupo suas danças que na época se chamava a dança dos animais e a mesma era feita com músicas que falavam de todas as características dos animais e suas habilidades.

O mito do surgimento do povo Kaingang foi escrito e pesquisado por vários autores que relatam histórias diferente uma das outras, devido cada ano da realização de suas pesquisas; o que conta muito nas pesquisas de campo é os entrevistados e a região em que estão localizados, pois se sabe que o povo Kaingang vive em vários estados. Diante destes fatos o autor Telêmaco Borba relata o mito do surgimento do povo Kaingang do Paraná.

Em tempos idos, houve uma grande inundação que foi submergido toda a terra habitada por nossos antepassados. São o cume da serra Crinjjimb  emergia das agoas. Os Caingangues, Cayurucr s e Cam s nadavam em dire o a ella levando na bocca achas de lenha incendiadas. Os

¹⁰ Kaj r- macaco/mico.

¹¹ F in- ouriço.

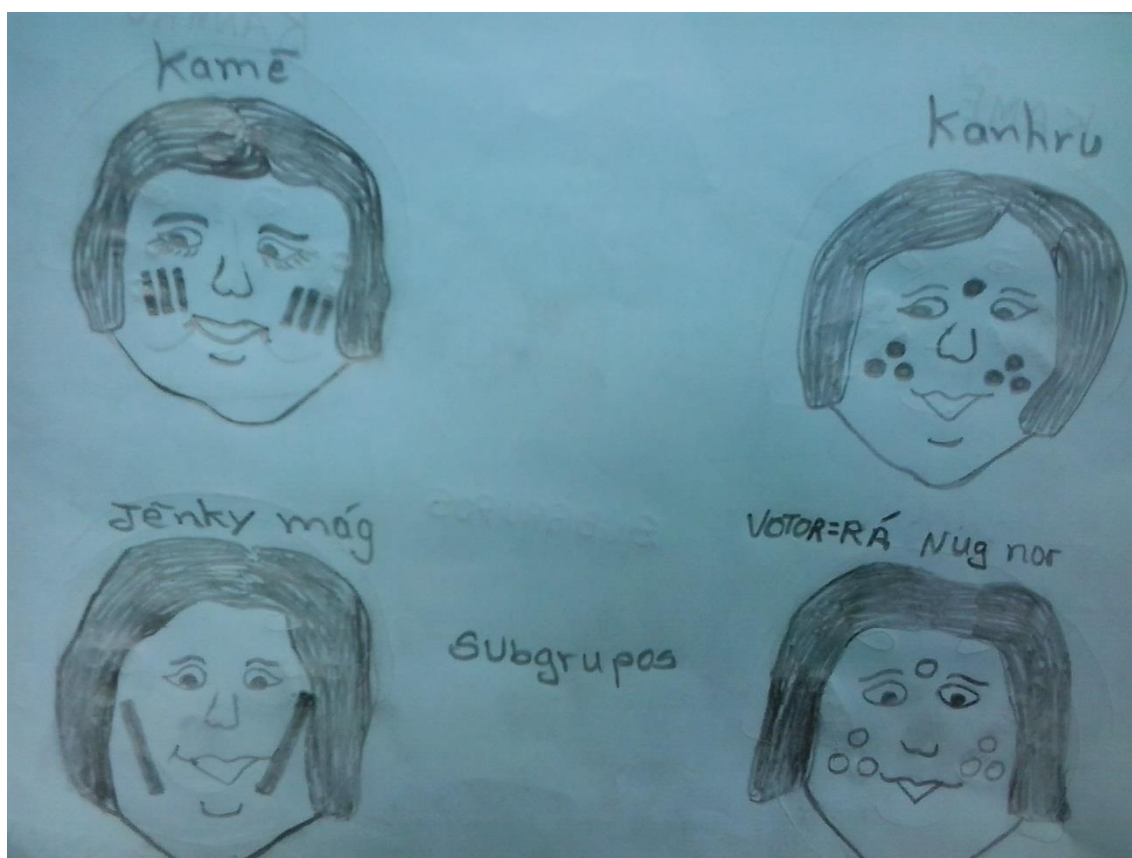
Cayurucr  s e Cam  s can  ados, afogaram-se, suas almas foram morar no centro da serra. Os Caingangues e alguns poucos Curutons, alcançaram a custo o cume de Crinjijimb  , onde ficaram, uns no solo, e outros, por exiguidade de local, seguros aos galhos das árvores, e alli passaram muitos dias sem que as agoas baixassem e sem comer, j   esperavam morrer, quando ouviram o canto das saracuras que vinham carregando terra em cestos, lançando-a    agoa que se retirava lentamente. Gritaram elles às saracuras que se apressassem, e estas assim o fizeram, amiudando também o canto e convidando os patos a auxilial-as, em pouco tempo chegaram com a terra ao cume, formando como que um a  de, por onde sahiram os Caingangues que estavam em terra; os que estavam seguros aos galhos de árvores, transformaram-se em macacos e os *Curutons* em bugios. As saracuras vieram com seo trabalho, do lado donde o sol nasce, por isso nossas agoas correm todas ao Poente e vão todas ao grande Paraná. Depois que as agoas seccaram, os *Caingangues* se estabeleceram nas immedia  es de *Crijijimb  *. Os *Cayurucr  s* e *Cam  s*, cujas almas tinham ido morar no cento da serra, principiaram a abrir caminho pello interior dela, depois de muito trabalho chegaram a sahir por duas veredas, pela aberta por *Cayurucr  *, brotou um lindo arroio, e era toda plana e sem pedras, dahi vem elles conservado os p  s pequenos outro tanto não aconteceo a *Cam  *, que abriu sua vereda por terreno pedregoso, machucando elle, eos seos, os p  s que incharam na marcha, conservando por isso grandes p  s até hoje. Pelo caminho que abriram não brotou agoa e, pela sede, tiveram de pedil-a a *Cayurucr  * que consentio que a bebessem quanto necessitassem. Quando sahiram da serra mandaram os *Curutons* para trazer cestos e cabaças que tinham deixado em baixo, estes, porem, por preguiça de tornar a subir, ficaram alli e nunca mais se reuniram aos *Caingangues* por esta razão, nós, quando os encontramos, os pegamos como nossos escravos fugidos que são. Na noite posterior    sahida da serra, atearam fogo e com a cinza e carvão fizeram tigres, *Ming*, e disseram a elles: - v  o comer gente e caça; estás, porém, não tinham sahido com os ouvidos perfeitos, e por esse motivo não ouviram a ordem, perguntaram de novo o que deviam fazer, *Cayurucr  *, que já fazia outro animal disse-lhes gritando e com Mao modo; v  o comer folha e ramos de árvore, desta vez ellas, ouvindo, se foram: eis a razão por que as antas são comem folhas, ramos de árvores e fructas. *Cayurucr  * estava fazendo outro animal, faltava ainda a este os dentes, lingoa e algumas unhas, quando principiou a amanhecer, e, como de dia não tinha poder para fazel-o, poz lhe às pressas uma varinha fina na bocca e disse-lhe: - você, como não tem dente, viva comendo formiga-; eis o motivo porque o tamando  , *Ioty*    um animal inacabado e imperfeito. Na noite seguinte continuou e fel-os muitos, e entre elles as abelhas boas. Ao tempo que *Cayurucr  * fazia estes animaes, *cam  * fazia outros para os combater, fez os le  es americanos (*mingcoxon*), as cobras venenosas e as vespas. Depois de concluido este trabalho, marcharam a reunir-se aos *Caingangues*, viram que os tigres eram maos e comiam muita gente, então na passagem de um rio fundo, fizeram uma ponte de um tronco de árvore e, depois de todos passarem, *Cayurucr  * disse a um dos *Cam  *, que quando os tigres estivessem na ponte puxassem esta com força, afim de que elles cahissem na agoa e moresem; assim fez o de *Cam  *, mas, dos tigres, uns cahiram a agoa e mergulharam, outros saltaram ao barranco e seguraram-se com as unhas, o de *Cam  * quis atiral-o de novo ao rio, mas, como os tigres rugiam e mostravam os dentes, tomou-se de medo e os deixou sahir: eis porque existem tigres em terra e nas agoas. Chegaram a um campo grande, e reuniram-se aos *Caingangues* e deliberaram cazar os moços e as moças. Cazaram primeiro os *Cayurucr  s* com as filhas dos *cam  s*, estes com as daquelles, e como ainda sobravam homens, cazaram-se com as filhas dos *Caingangues*. Dahi vem que, *Cayurucr  s*, e *Cam  s* e *Caingangues* são parentes e amigos. (BORBA, 1908, p. 20-21).

Telêmaco Borba relata no mito do surgimento contado pelos Kaingang do Paraná, que o povo Kaingang nasceu da terra em dois grupos os kamẽ e kanhru, nesse mito os dois irmãos criam os animais, por isso que existem os animais kamẽ e kanhru. Ainda hoje esses animais são diferenciados conforme as marcas tribais, o tamanduá, ouriço, tigre, pomba, gralha, tucano são kamẽ, o macaco, sapo, coruja, gato do mato, tatu, lagarto são kanhru.

1.4 O ritual do kiki koj: fandango Kaingang

No ritual do kiki koj que é mais conhecido como fandango Kaingang, às marcas tribais estão presentes. Em entrevista com Cezário Pacífico, um Kaingang que tem muita sabedoria, nos contou que existem as seguintes marcas tribais, kamẽ e o subgrupo vājẽn ky ou jẽnky mág; kanhru e o subgrupo rá nynor ou votor, como mostra na foto abaixo:

Figura 2 - Desenho das marcas tribais do povo Kaingang.



Fonte: Claudemir Pinheiro, acervo pessoal, 2014.

Os subgrupos vājēn ky ou jēnky mág e o rá nug nor ou votor são só de um fogo, sendo que há quatro no dia do encerramento, um para cada marca, pois nos dias do fandango eles fazem o fogo para poderem dançar e fazer seus rituais e cada um fica no seu grupo e fogo, só quando é para dançar que todos se misturam. No outro dia o kamē e o vājēn ky ou jēnky mág fazem a frente para rezar no cemitério, depois atrás vem o kanhru e o rá nug nor ou votor. Depois eles voltam e dançam de novo em cima do fogo, o mais incrível é que não queimam os pés, somente desmancham o fogo. Quando eles rezam as almas vem ao redor por isso mesmo fazem as marcas e cada pessoa fica marcada, pois quando vê a pessoa que está marcada eles não chegam perto. E quem não está com a marca, eles passam por perto da pessoa fazendo com que ela caia e fique doente.

Para poder iniciar este fandango os mais velhos vão ao encontro de outras pessoas sábias para organizarem os dias certos para começarem a festa, alguns vão até em outras Terras Indígenas Kaingang.

Tem todo um ritual para dar início para fazer a garapa, precisa-se rezar antes de tomar o primeiro gole que é primeiro para o que vai rezar que é um índio mais velho, pois ele está colocando a garapa em nome de uma pessoa que morreu. O rezador do fandango inicia antes como se fosse ensaiar para que no dia esteja tudo certo.

Os kujás também participam deste ritual, sendo de grande importância cultural a sua presença, onde realizam todas as atividades de preparação para o fandango e também tem uma função de proteger espiritualmente as pessoas dos espíritos dos mortos.

Hoje em dia os que organizavam esta festa já faleceram e alguns não ensinaram seus filhos para dar continuidade ao fandango, por estes e outros motivos hoje não fazem mais na comunidade.

Nos dias atuais os mais jovens não conhecem os subgrupos vājēn ky ou jēnky mág e o rá nug nor ou votor conhecem mais as marcas kamē e kanhru. Como existe hoje o grupo de dança que todos se pintam, mas alguns não sabem na verdade qual é sua marca e fazem as marcas no rosto com tinta guache. Antigamente faziam a tinta com carvão do pinheiro que é para pintar o kamē, pois é muito forte, e para o kanhru é feito o

carvão de sete sangria e quem pinta os kanhru precisa ser uma mulher kófa kamẽ e quem vai pintar os kamẽ é outra kófa da marca kanhru.

Capítulo 2- OS KUJÁ DA TERRA INDÍGENA XAPECÓ

A cultura Kaingang é composta por suas tradições, rituais, crenças e mitos; são essas características que diferenciam um povo indígena de outras culturas. A religiosidade é uma das mais importantes e são compostas por kujá da comunidade que são chamados de curandores também são considerados líderes espirituais, são as pessoas que fazem remédios e curam as enfermidades dos indígenas. São procurados para fazer curas de doenças que são desenganados por médicos, realizam batismos de criança recém nascido e escolhem o nome na língua Kaingang. Este trabalho foi desenvolvido a partir do conhecimento e sabedoria de dois Kujá da TIX, sendo eles Claudemir Pinheiro que tem como guia a natureza Gatã¹², ou seja, todos os seres da natureza e Ivanira Rodrigues que faz trabalhos dos dois lados, ou seja, da cultura Kaingang e pra Deus ela tem guia branco que é São João Maria e guia índio que são os animais.

Os Kujá fazem cultos que são realizados em uma igreja que fica próxima a suas casas que são chamadas de altares onde seus santos ficam na mesa com velas acesas, esses cultos são realizados nos dias determinados pelos Kujá, onde várias pessoas participam com intenção de receber cura e prosperidade para suas vidas.

Também é a pessoa que nesta sociedade pode transitar entre os diferentes domínios do cosmo operando como mediador entre o domínio dos vivos e dos mortos, ou ainda, entre o domínio dos humanos e não humanos (BRAGALDA, 2007, p. 6)

Cada Kujá tem seus guias espirituais que lhes ensinam como fazer os remédios e em sonho mostram qual erva medicinal é bom para certo tipo de enfermidade. Os guias são de importância nos rituais que são feitos pelos Kujá, como nos batismo de crianças recém nascidos, quando a criança fica doente e ninguém descobre que doença lhe atormenta, o Kujá tem este papel na comunidade para buscar o espírito da criança que talvez esteja perdido.

O Kujá Claudemir Pinheiro, afirma que sua avó era Kujá e em sonho foi até o sol buscar o espírito de seu irmão que havia sido levado pela fada do sol, ele ainda contou que sua avó sofreu muito para trazer ele de volta, pois teve que ficar muito tempo lá tentando convencer a fada do sol a devolver o menino e seu espírito se queimou muito, depois de algum tempo ela adoeceu e faleceu.

Ivanira Rodrigues também relatou quando o espírito de seu neto ficou perdido e ela e seus Kujá foram buscá-lo.

¹² Gatã- Donos da terra.

Esse piá aqui ó perdeu o espírito dele e eles foram por aqui comigo passaram aqui e foram por baixo ali, fizeram tudo aquela vorta lá, fizeram uma vorta, com uma vorta esse piá parou de chorar, quando eu cheguei na casa, ponhei ele de pé em cima da mesa e digo, ó eles tão aí, meus kujá tavam tudo sentado em cima da mesa, os Kujá que foram busca ele, tavam tudo junto com ele, ele chego, o piá chego e agradeceu os Kujá, e o espírito do piá eles tinham perdido lá em cima naquela lavoura onde que eles derrubaram uma palmeira perderam o espírito dele lá em cima, lá no meio do capim, dali da casa dela eles chamaram ele pelo nome e ele veio, mas e como que ele veio se não sabe caminha? E quando ele se coloco no corpo dele ele me abraço e ele me beijo esse piá que era mais pequeno, abraço meu pescoço mas foi os Kujá que ensinaram ele, por que sempre vejo a voz dos guia, os guia que fizeram tudo isso pra mim[...] oito dia com espírito perdido no mato, quando foi o outro dia 10 horas meus Kujá disseram: vá lá de novo lá onde que ele fico, meus Kujá ó di atrais de mim, foram junto comigo sentaro lá que nem um cachorro senta, sentaro um pra cá e outro pra lá e eu já coloquei ele no meio, dali eles começaram chora por ele e choraram e choraram né, o graxaim choro por ele, o veado choro o leão choro pra trazer ele, e ele veio, com duas vezada ta ai o piá, então os kujá são mió do que os outro, então eu digo que o meu é dos dois lado, então de dois lado é bem forte[..](RODRIGUES, 2014, entrev).

Figura 3-Filha de Ivanira Rodrigues com seu neto que perdeu o espírito, (Mariana Pinheiro e seu filho Gabriel Pinheiro Fernandes).



Fonte: Adriana A.B.P de Biazi, acervo pessoal, 2014.

A imagem acima mostra a filha de Ivanira Rodrigues e seu filho, o neto do qual ela conta que perdeu o espírito na lavoura onde eles foram cortar uma palmeira e foi os seus guias Kujá que foram junto com ela para buscá-lo, mas o chamavam nas orações que faziam, pois as crianças ou adultos possuem dois espíritos um sai e o outro fica, aquele que está perdido fica chorando por que sente falta do espírito que ficou no corpo e assim a criança vai adoecendo. Ela diz que possui guias de dois lados, os guias índio que também são os animais e o guia branco que é de Deus, ou seja, o santo São João Maria.

O guia espiritual é que deixa o espírito do Kujá mais forte, e não deixa que os guias do mal lhe atormente e confunda na hora de decidir qual lado escolher para exercer a função de ser um Kujá. Existem os que trabalham com a mão direita, são os Kujá que somente fazem o bem às pessoas, e têm os que trabalham com as duas mãos, tanto direita como esquerda, que lutam com trabalhos do bem e do mal. Mas segundo a Dona Matilde Koito os guias dos Kujá do bem são:

O Kujá, os guia dele é os bichinho que nem coruja gato do mato, tigre, esse era os guia do Kujá, daí quando ia acontecer algo os guia do Kujá vinha avisa ele mostrava pra ele né, falava com ele em sonho, não pessoalmente, ele mostrava em sonho falava com ele, e o pajé deus mostrava em sonho os remédios que a pessoa ia precisa, daí o guia do Kujá o tigre ele é kamê e o gato do mato é kanhru. (KOITO, 2014, entr).

São os guias que fazem o trabalho para os Kujá, eles que lhes dão o conhecimento sobre os remédios e sobre o mundo espiritual, são os guias que acompanham o Kujá nos seus rituais e no dia a dia deles, dando proteção e sabedoria.

Figura 4-Matilde Koito, remedieira Kaingang da Terra Indígena Xapecó, 2014



Fonte: Adriana A.B.P de Biazi, acervo pessoal, 2014.

As metades tribais ou marcas tribais kamẽ e kanhru são fundamentais para os Kaingang. Em suas relações são dois seres mitológicos que completam um ao outro, devido a isso se o Kujá for kamẽ seu guia espiritual jagrẽ deve ser kanhru de marca oposta da dele. Na Terra Indígena Xapecó devem existir dois Kujá um da marca kamẽ e outro da marca kanhru para o trabalho deles ficar completo.

2.1 A formação do Kujá

A formação do Kujá vem desde a sua concepção, já vem do ventre da mãe com esse dom imposto por topẽ¹³, então outros Kujá já sabem disso, a partir do momento que o nenê nasce eles já levam nas igrejas católicas; levam na casa do Kujá para fazer batismo nas águas e na casa para receber o nome, ele já vai dizer se aquela criança vai ser um Kujá, mas sem exercer suas funções, tem kujás que começam exercer suas funções bem

¹³ Topẽ: Deus.

novos, já outros não, isso depende de cada Kujá e sua passagem para receber o conhecimento necessário. Dona Matilde Koito Conta que:

Quando a criança nascia os pais já tinham remédio, já lavavam ele com três dia com esse remédio, daí eles já diziam esse vai ser o Kujá, já tinham remédio separado era mesma coisa deles batiza, eles tinham um ritual pra lavar com esses remédio (entr.2014).

O Kujá Claudemir Pinheiro conta que, quando nasceu seus pais não sabiam que iria ser um Kujá, levaram-no na casa de sua avó que era uma Kujá muito forte, e batizaram na casa, como sempre acontece e nas águas santas, foi sua avó que lhe disse que tinha um dom de topê. Mais tarde com o seu crescimento alguém ia lhe contar isso que seria um conhecedor das coisas de topê, então aos 5 anos de idade sua avó lhe contou que ele tinha um dom especial, quando ficar mais velho vai ser um curandeiro, na época ela dizia curandeiro para Kujá, ela era uma Kujá bem forte já tinha vários guias espirituais, seus guias que informaram a ela que ele seria um Kujá, o tempo foi passando e ele foi sendo preparado e aos 18 anos de idade ele começou a ir na casa dos Kujá, sua avó já tinha falecido então ele ia na casa de sua tia que também era Kujá e foi se informando mais sobre o assunto, fazia trabalhos de mesas ou cultos e começou a fazer propósito com Deus.

Para ser um Kujá é necessário passar por vários processos de formação e aprendizado durante toda a vida, são os Kujá mais velhos que ensinam aos mais novos, quanto mais se dedica ao seu trabalho mais forte fica o Kujá. Segundo, BREGALDA (2007, p. 15) diz que: “A construção do corpo e pessoa do Kujá é um processo social que envolve recrutamento, transmissão de saberes, práticas de iniciação, prescrições e restrições alimentares e sexuais”.

Os guias avisaram minha avó que eu iria ser um “curandeiro” kujá da aldeia, pois eu era escolhido para exercer esta função” afirma Claudemir Pinheiro.

Foi adquirindo conhecimentos de como seria a sua vida a partir daquele momento, os guias dela vinham até ele para conversar, então ele foi percebendo que algo diferente ia acontecendo com ele sem mais nem menos aprendia sobre as ervas, ele sempre ia ao mato e olhava em uma erva, tinha algo bem forte que lhe apontava que aquilo era um remédio, também sentia algo que lhe acompanhava e às vezes se assustava com os guias de topê, tinha guias dos dois lados do bem e do mal, os de topê queriam lhe proteger e os do mal queriam lhe derrotar, isso acontecia por que ele não

estava cumprindo com as suas funções então começou a ir aos Kujá novamente e eles lhe disseram que ele deveria cumprir com sua função.

E começou a ir com mais frequência nos Kujá, e devagarzinho foi aprendendo, mas como ele era muito novo ele tinha medo de exercer sua função, ele tem sonhos, toda noite acontecem coisas com ele, o seu espírito é forte, é acompanhado por vários santos de topê. O Kujá não pode ter medo, por que quando vai a algum lugar os seus guias vão na frente limpando o lugar onde está indo, o Kujá já vem se preparando desde o ventre da mãe já nasce com o dom, foi mais ou menos um ano ou dois anos que ele teve que se preparar de maneira rígida.

Essa preparação para lhe fortalecer enquanto Kujá, também tinha regras a cumprir, às vezes tinha que ir ao mato sozinho para conversar com topê, o guia dele é a natureza, mas para fazer isso ele tinha que jejuar¹⁴ ir ao mato de manhã cedo, ficar sete dias, às vezes quinze e até vinte dias sem dormir com a sua mulher não podia ter relações sexuais e nem andar caminhando (sem ir às festas), tinha que se resguardar para poder exercer sua função e para ter um guia, às vezes ia às mesas¹⁵, onde são feito cultos de purificação eliminando males da alma e do corpo.

E nesses cultos a Kujá lhe banhava com ervas, lavava suas mãos no rosto na cabeça para purificá-lo, ele conversava com os guias e eles lhes diziam quantos dias ele tinha que se resguardar, para ele ser formado um Kujá o que mais fez foi jejuar, não podia comer nem beber, ia para o mato caminhar não podia bater em nada nem cortar nada, somente pensar e falar com topê para que o sacrifício se tornasse realidade e até hoje faz isso, pois a preparação de um Kujá segue a vida toda, faz um ano que ele foi preparado por 23 Kujá, que são de diferentes Terras Indígenas, mas sua formação continua pela vida toda, cada vez fica mais forte dependendo de sua preparação vai recebendo mais guias espirituais e outras funções mais fortes.

Tem Kujá que tem os animais como guia então eles vão conversa com os animais, o Kujá se prepara para isso e são através dos guias que topê passa os conhecimentos a eles. Conta o Kujá Claudemir que quando sua tia vai ao mato buscar

¹⁴ Jejuar: Significa ficarem dias sem comer e sem beber nada, isso depende de cada pessoa, pode ficar um dia ou mais dias, isso é para purificar o espírito das pessoas.

¹⁵ Ir às mesas: São trabalhos feitos nas casas dos Kujá, onde as pessoas recebem suas bênção e purificam seus espíritos, as pessoas ficam de frente para a mesa onde tem vários santos e o Kujá fica fazendo suas orações na frente ou atrás das pessoas, tem os dias marcados para que esta purificação aconteça nas chamadas mesas.

remédio são os animais que mostram o remédio para ela, então vai conversando com os animais o guia é como uma pessoa, ela conversa e dá risada com eles. Ela tem outro guia que é invisível mesmo, não vendo, tem um que puxa na sua roupa, para mostrar o remédio pegam na sua mão e leva ela até o destino final e ela está se preparando ainda mais, para ser mais forte do que já é, para curar enfermidades bem mais forte. O Kujá tem que sofrer passar por provas e tem que vencer, a partir do momento que vencer, estará preparado, mas essa formação não acaba, tem que sentar e conversar com os Kujá, tudo o que um Kujá conversa sobre topê é uma preparação que está fazendo.

Um Kujá não pode fazer trabalhos para seus parentes mais próximos, deve ser outro Kujá que tenha a marca oposta, somente se pedirem para ele, nesse caso pode, mas quando ele está fazendo seus trabalhos e suas orações, deve tratar como se não fosse de sua família para que topê cure as enfermidades, e que seus familiares acreditem no seu poder de cura e de seus guias espirituais. Também quando a pessoa da mesma marca que o Kujá procurar para fazer remédios, benzimentos ou trabalho de mesa, a pessoa deve ter muita fé no que o Kujá vai fazer.

Também há os Kujá que trabalham com as duas mãos, ou seja, aqueles que fazem feitiçarias e seus guias o principal é o santinho das correntes é o santo pra atar todo mundo, quando se fala que trabalha com a mão esquerda este Kujá faz seus trabalhos para o mal de uma pessoa a mando de outra que pagou pelos seus serviços, outros kujás não aceitam isso, mas também não podem falar nada, para eles isso não é certo, pois este Kujá está entre os dois caminhos como diz Claudemir Pinheiro “a gente escolhe se vai seguir o caminho do bem, que é de deus ajudando as pessoas e a comunidade, ou o caminho do capeta, que é quando o Kujá faz os dito feitiços para fazer mal a uma pessoa”, os curandeiros que tem isso têm seus guias coisas e animais que não são de topê, por exemplo, o burro os corvos, essas pessoas podem fazer o bem ou o mal ao mesmo tempo e também cobram para fazer isso. Estão entre os dois caminhos, do bem e do mal.

2.2 O ritual de trabalho do Kujá

O Kujá tem seus rituais para fazer seus trabalhos para as pessoas e a comunidade, para poder fazer um remédio para a pessoa não é no mesmo dia que o Kujá faz, ele marca o dia para que a pessoa possa buscar em sua casa. Se for pedir ao Kujá

que faça um remédio e precisa que fique pronto no mesmo dia, pode ter certeza que isso não vai acontecer.

Os Kujá tem um calendário que respeitam muito e pedem que as pessoas entenda como acontece todo o processo, tem alguns que trabalham até sábado de meio dia, e no domingo costumam não fazer nada, pois para eles este dia é sagrado. Para fazer um remédio para uma pessoa o Kujá tem os dias certos para ir ao mato com seus guias, depois o preparo de cada remédio é respeitado por isso em alguns casos pode demorar uma semana para ficar pronto.

É o caso da Kujá Ivanira que tem seus dias da semana como na segunda-feira, terça-feira e quinta-feira nos horário de manhã das 08:00horas as 11:00h horas, à tarde das 13:30 horas até às 16:00 horas, para atender as pessoas indígenas da comunidade, na quarta-feira e sexta-feira nos mesmos horários atende os fóg¹⁶ que vão para fazer entrevistas, de pesquisas de faculdades federais e particulares, e também para fazer remédio para curar enfermidades do corpo e do espírito. No sábado vai ao mato acompanhada de seus guias na parte da manhã para fazer a coleta dos remédios para cada tipo de enfermidade. Os cultos que geralmente acontecem à noite são marcados e avisados as pessoas da comunidade.

2.3 A manifestação do guia espiritual para o Kujá

A manifestação do guia espiritual “Jagrê”, para o Kujá acontece quando chega a hora certa para cada pessoa receber a benção de topê como dizem os Kaingang, tem Kujá que recebe os seus Jagrê muito jovens, e outros muito mais tarde, pois como explicado no texto anteriormente para exercer a função precisa passar por vários rituais de provas para a pessoa estar pronta, para receber seu Jagrê precisa estar totalmente purificada.

Os guias dos Kujá são os animais, também pode ser dois diferentes como índio e branco, afirma Ivanira Rodrigues. Tem os Jagrê que são os animais e eles dão os avisos para os Kujá quando alguém da comunidade indígena morreu, ou está com alguma doença passando por dificuldades e necessitando da ajuda do Kujá, se está no hospital os guias vêm avisar. Segundo Matilde Koito, “Tem a coruja que fala daí tem a fêmea e

¹⁶ Fóg- não - indígena.

o macho, daí quando esse grita é na certeza que uma pessoa vai morrer se é uma mulher é uma fêmea que grita e se é homem é o macho que grita”.

Com 17 anos a Kujá Ivanira teve seu primeiro contato com seu Jagrê, mas ele era o branco, como chama o seu guia “São João Maria”, e sua caminhada para obter este guia foi caminhar nove dias e nove noites para poder aprender tudo o que seu primeiro guia estava lhe ensinando, primeiro as ervas medicinais, e mostrava para ela aprender o que era bom para curar as doenças. Foi aí que começou o trabalho da Kujá Ivanira; isso que ela aprendeu foi somente com seu primeiro guia espiritual (jagrê). Torna-se diferente em alguns aspectos de outros kujás pelo fato de ter aprendido com o São João Maria, não como é comum acontecer com os kujás, que aprendem com os mais velhos, e recebem alguns conhecimentos e ensinamentos com os guias de outros Kujá.

Dona Ivanira, conta que passou por onde seu guia passou, quando passava por perau, rios, banhado deveria seguir o mesmo caminho, os nove dias e nove noites com fome, sede, de pés descalço e cansada para poder aprender sobre o remédio e o conhecimento para se tornar uma Kujá respeitada pela comunidade e por todos que a conhecem, os remédios que ela aprendeu é tudo raiz de plantas. Depois aprendeu todo o conhecimento necessário com o topê. É muito forte ter guias dos dois lados, os guias animais e os guias de Deus, seus guias animais são o tigre, leão, graxaim, furão, quati, veado, todos os tipos de bichinhos, esses são os Kujá de Ivanira e vem lhe avisar se acontece alguma coisa na comunidade e eles dormem nos pé de sua cama e ela deve ficar ali atendendo eles.

Eu tenho o graxaim que ele chora triste, começa senta e olha pro lado da onde que é, daí já na mesma hora eu tenho que fala com meus guia pra vê o que eles tão dizendo, o que os meus Kujá tão dizendo, daí os meus guia vem e eles contam e eu fico sabendo qual pessoa que vai farta (falecer)[...] daí quando eles tão comigo, eu tenho oito Kujá, então daí eu pego tudo eles, meus Kujá quando eu vo no hospital, faze alguma cosa, caminha, vê doença meus Kujá vão comigo fica lá na cama comigo, quando vê que me enfraquece meus Kujá me levanta, os guia né, eles são Kujá mas são companheiro dos guia, eles avisam dão remédio, faz de tudo[...] eles tão comigo, onde eu vo eles tão comigo, se saio de noite eles tão comigo se eu saio por a estrada assim sozinho não me acontece nada pode eu for onde for mas eles tão comigo me atendendo[..] os kujá meus são tudo do mato virgem, não saem na lavoura e nem no limpo[..] os meus guia índio também são puro[...] eu percurei né (procurei) mais esses aí ó, por que era pra se meus guia tem que se aquele dois guia índio e dois de guia branco, o branco trabaio com os de fora, esses índio já trabaio aqui pra nós na área[..] o graxaim já conta que as pessoa tá mal em tal lugar[..] conta que em tal lugar tem uma pessoa me esperando e já o tigre e o leão me conta que tal lugar brigaro, se machucaro foi no hospital foi assim e assim,[...] o furão já vem sobre criação, assim criação, que tem um azar no meio das galinha, de qualquer criação[...] o veado já vem pra chama aquelas pessoa que tem um azar na casa[...] (RODRIGUES, 2014, entr).

Os guias fazem operação, tiram a doença da pessoa, tiram dor, tiram azar, tiram feitiços, e ela carrega junto com eles por que é mandada deles, sem eles ela não faz nenhum trabalho, tem que caminhar abaixo de chuva, vento, sol, de noite, de madrugada por que o seu trabalho é muito pesado ela tem os guia da “oitava corrente”, ou seja, cada ritual feito é uma corrente ou pode ser chamado de fases que um Kujá passa para receber seus guias, então ela já passou por oito fases tendo recebido mais de um guia por cada corrente e ainda faz trabalhos dos dois lados, tem trabalho com os guia e trabalho com Deus que é São João Maria, eles não deixam ela trabalhar mais, tiraram da roça, de festas (divertimento), hoje ela está sossegada bem colocada na mão de Deus.

Os guia já são, já digo, por que eles ficaram de guia é aqueles que já morreram abençoado de Deus, que foram, que foram né, que deixaram nós, que morreram ali eles foram agradecendo a Deus [...] não tem pecado nenhum, num fez outras coisa marvadeza, [...] eles morrem e o guia daquele lá fico pra nós, quem quisé, quem ama, então daí aqueles é aqueles que morreram sem pecado e sem nada, que não fizeram nada na terra[...] por que não adianta o guia vim ,tem guia que é nosso que é deus né, daí tem o espírito já esses anda na estrada que tem pecado, o guia é aqueles que morreram e deixaro a salvação pra nós, então agora o guia ta trabaiano com nós [...] o guia tá pra atende nós, por que ele é deus maior do que o outro é, ele é maior do que nós, por que ele é deus por que ele foi o espírito de uma pessoa que morreu, até agora a pessoa ama Deus e morreu, não tem nada que ele fez, não sujo a mão, não fez peso, não fez pecado com Deus ele vai reto, só que o guia vai fica né pra nós, só que o guia daquela pessoa vai fica pra mim, o guia que eu tenho é do próprio meus parente mesmo, dos parente de longe e dos outros é a mesma coisa também[...] o espírito é outro já aqueles que fizeram sujeira aqui na terra...](RODRIGUES, 2014, entr).

Figura 5- Figura 5: Ivanira Rodrigues, curandeira “Kujá” da Terra Indígena Xapecó, 2014



Fonte: Adriana A.B.P. de Biazi, acervo pessoal, 2014.

Os Kujá da TIX têm uma relação muito forte com os santos do panteão católico, em suas casas há um altar com várias imagens de santos e nesse lugar onde fazem suas devoções, a foto acima mostra o altar da Kujá Ivanira Rodrigues em sua casa ela devota de São João Maria um dos seus nove guias espirituais, segundo ela para adquirir o conhecimento de São João Maria passou por várias provações e sacrifícios, e ele aparece para aqueles que o amam.

2.4 Relatos de cura feito pelos Kujá

Hoje em dia é muito raro ter Kujá que faça o trabalho de buscar a alma de crianças no outro mundo que chamam o lugar onde o espírito fica preso por alguma coisa que aconteceu no dia-a-dia, exige muita preparação do Kujá e ajuda de seus guias. O texto a seguir apresenta relatos de cura feitos por alguns Kujá Kaingang.

Em entrevista com Claudemir que contou um caso que aconteceu com sua família, sua neta estava muito doente já tinham levado ao médico oito vezes durante duas semanas, vendo todo o sofrimento de sua família não podia fazer nada até que alguém pedisse a ele, em orações ele pedia a topê que curasse a enfermidade de sua neta, então sua esposa tocou em suas costas chorando e pediu, por favor, que ajudasse a curar sua neta, sua filha estava segurando a menina no braço, e ele disse que elas deveriam confiar no trabalho que iria fazer, que olhassem no olho e pedisse com fé o que queriam que ele fizesse, pediu que sua menina e sua esposa sentassem com a menina em frente de sua mesa onde tem os santos, ele ficou em pé e disse que olhassem para uma velinha e começou a fazer seu trabalho, quando os guias estão com ele, começa a falar com topê e sente um amor de fazer o bem pelas pessoas. Pediu para topê mostrar o que tinha aquela menina, e disse a elas que olhassem para o lado que a velinha assoprar, pois estava tudo fechado não tinha vento, no momento em que soprar, topê vai mostrar o que a menina tem, neste momento mesmo sendo da família precisa tratar como se não fosse para que possa dar certo; e naquele instante a velinha assoprou para o lado da porta que sai para fora de casa, pegou a água e fez benzimentos e puxamentos na menina, e ia vindo em sua boca todas as palavras que tinha que soltar para eles, aí disse para sua nenê que é sua filha, que ia continuar fazendo seus trabalhos e elas deveriam pegar a menina, ela e sua mãe e dar três volta ao redor da casa, chamando a menina pelo nome, deviam apagar as luzes e ir no escuro, quando entraram dentro da

casa, ele contou a elas o que a menina tinha. Depois que elas entraram ele disse que topê mostrou que a menina estava com espírito perdido, agora deviam pensar aonde foram com a menina e não conseguiam lembrar, ai ele disse: que elas foram lá no rio não sabia o que foram fazer, pois tem esta mania de tomar banho no rio e a menina caiu na água e o espírito dela tinha ido embora, estava lá no rio jogadinha, ai ele disse para ela, que a menina estava lá no rio ali estava só o corpo dela e elas não tinham contado isso a ele, ai sua mulher respondeu que foram tomar banho e levaram a menina junto que também chamam de “nenê” e ela realmente caiu no rio e acabou se assustando na hora. Agora amanhã, antes de o sol sair deviam ir lá ao rio e chamar a nenê que ela iria entrar para casa, quando foi de tarde depois que ele havia chegado da escola a nenê estava boa e já estava se alimentando. A partir daquele momento ele fez uma coisa que nunca tinha feito e através da sua preparação topê lhe mostrou, para ele parecia que estava enxergando e alguém lhe dizia que essa menina está em tal lugar, pois os Kujá ouvem quando estão fazendo os trabalhos.

Também já fui buscar o espírito de outra criança da comunidade que estava perdido na cachoeira, que fica na Manela no “Rio Chapecózinho”, tinham ido pescar e levaram a menina pequena e acabaram assustando ela na beira do rio. E o que tem naquele rio? São os pesadelos que moram debaixo da cachoeira e isso a gente nunca conta para ninguém, muitas vezes a gente está dormindo e não consegue acordar se debate na cama e não consegue falar, pois os pesadelos estão ali infernizando o sono da gente. E os pesadelos tinham pegado esta menina e levado para debaixo da cachoeira, e através de trabalho bem forte de noite e nós fomos buscar ela eu e minha tia que também é uma Kujá, porque eu digo nós; porque os nossos espíritos se encontraram de noite, ela andava caminhando e eu também andava caminhando. Naquele momento a gente fez um trabalho junto lá no rio e trouxemos o espírito da menina e ela está lá até hoje com saúde.

Hoje dificilmente existem Kujá que fazem este tipo de trabalho que é buscar espíritos que se perdeu da pessoa e eu estou me preparando para fazer isso, a gente vê no mundo várias pessoas que morrem desenganadas dos médicos que falam que não tem cura; são coisas que deve ser feito pelos Kujá que são através de chás ou benzimentos, a doença que o médico não acha no corpo físico, o Kujá e seus guias acham na alma da pessoa e logo encontram a cura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa foi possível compreender um pouco mais sobre a cultura Kaingang e de como se dá o processo de formação de um Kujá, o que envolve toda uma ritualização dos Kaingang da Terra Indígena Xapecó, com banhos de ervas, purificação, ensinamentos dos Kujá mais velho, restrições alimentares (jejuar) e sexuais. O Kujá é um curandeiro e líder espiritual dentro da aldeia, possuem guias espirituais (jagrê) que podem ser animais, vegetais e santos do panteão católico, esses guias lhes dão ensinamentos sobre os remédios do mato e lhes acompanham nas práticas de curas, possuem a função de proteger a aldeia espiritualmente inclusive na festa do kiki koj, culto aos mortos, protegem as pessoas das almas dos que já faleceram. Possuem o domínio de transitar entre o mundo dos vivos e os mortos. A manifestação do guia espiritual para o Kujá acontece na hora em que a pessoa escolhida está totalmente purificada, o guia vai lhe proteger e dar ensinamentos. Ainda hoje o Kujá é muito respeitado pelos Kaingang, seu trabalho é espiritual e cultural onde não somente trabalha em sua região, mas também vai fazer seus trabalhos como chamam em outras Terras Indígenas. Nos dias atuais é bem visível os contrastes da cultura dos não índios, na cultura e conhecimento do povo Kaingang, mais especificamente quando se trata das práticas de cura com a ervas medicinais e também os guias dos Kujá já são dos dois lados como eles dizem.

A presente pesquisa não se esgota com a finalização deste trabalho de conclusão de curso. Os estudos referentes aos Kujá Kaingang da T.I. Xapecó são recentes e esta pesquisa é uma das pioneiras em divulgar os resultados até então coletados. Pretende-se dar continuidade a esta pesquisa abordando os temas que não foram privilegiados no presente trabalho de conclusão de curso.

REFERÊNCIAS

BORBA, Têlemaco. **ACTUALIDADE INDÍGENA**. Typ e Lytog. A Vapor Impressora Paranaense. Paraná; Coritiba Brasil, 1908.

BREGALDA, Damiana. **CONSTRUINDO CORPOS E PESSOAS KAINGANG: Os kujá nas bacias do Rio dos Sinos e do Lago Guaíba**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Porto Alegre, 2007. UFRGS.

FERNANDES, L. Os Cainganges de Palmas. Paraná, junho, 1941. Arquivos do Museu Paranaense. Vol.1, CTBA.

OLIVEIRA, Maria Conceição de. **OS CURADORES KAINGÁNG E A RECRIAÇÃO DE SUAS PRÁTICAS: Estudo de casa na Aldeia Xapecó (oeste S.C)**. Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social. UFSC, 1996.

NIMUENDAJÚ, Curt. **ETNOGRAFIA E INDIGENISMO: Sobre os kaingang, os ofaié-xavante e os índios do Pará**. Organização e apresentação Marco Antonio Gonçalves. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

NÖTZOLD, Ana L. V e MANFROI, Ninarosa. **Ouvir Memórias, Contar Histórias: Mitos e Lendas Kaingáng**. Santa Maria: Ed Pallotti, 2006.

NÖTZOLD, Ana L. V, ROSA, Helena. A, BRINGMANN, Sandor.F. **ETNOHISTÓRIA, HISTÓRIA INDÍGENA E EDUCAÇÃO** contribuições ao debate. Porto Alegre: Ed Pallotti, 2012. p. 39, 47-55.

NÖTZOLD, Ana L. V, BRINGMANN, Sandor F. **Apostila de Metodologia da Pesquisa I**. Florianópolis, 2011. (in mimeo).

NÖTZOLD, Ana L. **Nosso vizinho Kaingáng**. Ano 2003. Florianópolis. Ed. Imprensa universitária da UFSC.

RODRIGUES, A.D. **Línguas brasileiras**. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

SILVA, Jeniffer Caroline da. **BOLA NA REDE: Futebol e lazer entre os kaingáng da Terra Indígena Xapecó/SC.** 2011. Dissertação(Graduanda em história). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

VEIGA, Juracilda. **ORGANIZAÇÃO SOCIAL E COSMOVISÃO KAINGANG: uma introdução ao parentesco, casamento e nomeação em uma sociedade Jê Meredional.** Programa de Pós – Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas

(UNICAMP). Campinas, 1994. Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3906>, acesso em 20 de maio de 2014.

FONTES ORAIS

NOME: Claudemir Pinheiro **DATA DE NASCIMENTO:** 20/02/1973

ONDE NASCEU: T.I.Xapecó aldeia antiga Serraria atualmente Olaria

ONDE MORA: Aldeia Olaria

NOME: Cezário Pacífico **DATA DE NASCIMENTO:** 20/02/1953

ONDE NASCEU: T.I.Xapecó, aldeia antigo Banhado Grande atualmente aldeia Sede

ONDE MORA: T.I.Xapecó, Aldeia Sede

NOME: Ivanira Rodrigues **DATA DE NASCIMENTO:** não encontrado

ONDE NASCEU: Pato Branco/PR

ONDE MORA: Aldeia Sede

NOME: Matilde Koito **DATA DE NASCIMENTO:** 13/12/1953

ONDE NASCEU: T.I.XAPECÓ aldeia Pinhalzinho

ONDE MORA: Terra Indígena Xapecó, aldeia Sede

NOME: Pedro Alves de Assis Kresó

DATA DE NASCIMENTO: 29/06/1965

ONDE NASCEU: Terra Indígena Xapecó, aldeia Sede

ONDE MORA: Aldeia Sede

ANEXOS

Anexo 1- MÚSICA NA LÍNGUA KAINGANG SOBRE OS ANIMAIS

KĀKRÉKIN TI TỸ ã PRŨ FI MRÉ TỸNH FÃ VÊ

RÁ TÉJ RÁ ROR

- A.** Kamẽ ag vỹ kãmũ;
 Kanhru ag vỹ kãmũ;
 Mũnỹ ag jãvãnh jẽ hamẽ;
 Êg tóg ag mré vẽnhrén jẽ;
- B.** Rá téj ag vỹ kãmũ;
 Rá ror ag vỹ kãmũ;
 Mũnỹ ag jãvãnh jẽ hamẽ;
 Êg tóg ag mré vẽnhrén jẽ.

O CÂNTICO DO TAMANDUÁ E SUA ESPOSA: A MARCA COMPRIDA E A MARCA REDONDA

- A.** Os kamẽ estão vindo;
 Os kanhru estão vindo;
 Vamos esperar eles;
 Para com eles dançar;
- B.** Os da marca cumprida;
 Estão chegando;
 Vamos esperar eles;
 Para com eles dançar.
- OBS: O tamanduá e do grupo kamẽ.

FÓIN TI TỸNH VÊ: **NO MÁG TI**

- A.** Ker inh no mág ti ãjag ki togtov;

Togtov, togtov o, o, o.

CÂNTICO DO OURIÇO: **A ARMA GRANDE**

- A. Olha que a minha arma vai estourar em vocês;
Estourar, estourar o, o, o.

OBS: O ouriço é do grupo kamẽ.

KAJËR TI TÏNH VË: **TÃNH PÃN TI**

- A. ã tirin, tirin tân;
Pãn jugjãg nĩ, jugjãg nĩ tirin;
- B. ã tirin, tirin kajër ti
Rãnrãj vë, ti rãnrãj vë;
Ti rãnrãj vë, tirin.

O CÂNTICO DO MACACO: **O TRONCO DA PALAMEIRA**

- A. As palavras ã tirin, tirin são criatividades do macaco;
O macaco estava distalando;
As folhas da palmeira para cobrir a casa;
A palavra jugjãg é distalar;
- B. ã tirin, tirin o macaco está trabalhando;
Está trabalhando, está trabalhando, está trabalhando, tirin.

OBS: O macaco é do grupo kanhru.

FËNËNH TI TÏNH VË: **JÃ PÃN MÁG**

- A. Jã pãn mág;
Jã pãn grãnh;
Hum, hum, hum;

- B. Jã pãn mág;
Jã pãn grãnh;
Hum, ke Ra.

CÂNTICO DO TATU: **GENGIVA GRANDE**

O tatu tem a boca grande, não tem dente, tem a gengiva mole, então ele canta assim:

- A. Gengiva grande;
Gengiva mole;
As palavras hum, hum, hum;
São gritos do tatu;
- B. Gengiva grande;
Gengiva mole;
A frase hum ke ra;
É uma fala do professor para os meninos tocar os apitos ou as flautas.

OBS: O tatu é do grupo kamẽ.

KÓNHKO TI TỸ ã PRÛ: FI MRÉ TỸNH VÊ **Ã SĨ HÃRA**

- A. Kónhko ã ne;
Kónhko ã ne;
Ho, ho, o, ho, ho;
- B. Kónhko ã ne;
Ã, sĩ hãra;
Nén ã mãng tĩ.

OS CÂNTICOS DA CORUJINHA: MACHO E SUA ESPOSA **VOCÊ É PEQUENO**

A. Corujinha você é;
 Corujinha você é;
 Ho, ho, o, ho, ho;
 É o som que ele faz com o biquinho dele;

B. Corujinha você é;
 Pequeno e pega as coisas.

OBS: A corujinha é do grupo kanhru.

JÓTITI TI TỸ ã PRŨ FI MRÉ TỸNH VÊ
TI KUSIN KỸ

A. Jótiti tỹ ã my mág tỹ;
 Vẽnh kri fẽg kỹ;
 Ti kusin kỹ;
 My sĩ, my sĩ, my sĩ ke tĩ;

O CÂNTICO DO SERELEPE E SUA ESPOSA
SAPECANDO ELE

A. O serelepe e seu rabo grande;
 Levanta o mesmo;
 Sapecando o mesmo;
 Rabo pequeno, rabo pequeno;
 Rabo pequeno fica o mesmo.

OBS: O serelepe é do grupo kamẽ.

SÊSĨ TI TỸ ã PRŨ FI MRÉ TỸNH VÊ
VĨRĨN KE RA INH JÊVY

A. Sêsĩ tỹ kyr ken kỹ;

Isóg kyr sór ke mũ gé;
 Sēsĩ tóg ga kri tĩ;
 Kar tóg kŷnhmỹ tĩg tĩ gé;

- B. Sēsĩ tỹ hũm ken kỹ;
 Isóg hũm sór ke mũ gé;
 Sēsĩ tóg ga krĩ;
 Kar tóg kŷnhmỹ tĩg tĩ gé;

- C. Vera pẽn, pẽn, pẽn;
 Nĩgé, nĩgé, nĩgé;
 Vĩrĩn kera inh jěvy;
 Ęg tóg jag nĩgé kugmĩ jẽ.

OBS: Esse sēsĩ é do grupo kamẽ, mas tem pássaros que também são do kanhru.

O CÂNTICO DO PÁSSARO E SUA ESPOSA DE UMA VOLTA MEU IRMÃO

- A. Se o passarinho canta;
 Eu também quero cantar;
 O passarinho anda na terra;
 E também anda no ar;
- B. Se o passarinho pula;
 Eu também quero pular;
 O passarinho anda na terra;
 E também anda no ar;
- C. Olha o pé, pé, pé;
 A mão, a mão, a mão;
 De uma volta meu amigo;
 Para nos se darmos as mãos.

KUNYN TI TÓG TỠNH FÃ VỄ

PÃNÓNH TÉJ

A. Pãnónh téj ên kri;

Sēsĩ vỹ kyr tĩ;

Kunyn, kunyn;

Sēsĩ vỹ kyr tĩ;

B. Ka mág pẽn ên kri;

Sēsĩ vỹ kri nữr tĩ;

Kri nữr, kri nữr;

Sēsĩ vỹ kri nữr tĩ.

O CÂNTICO DO PICAPAUZINHO

A MONTANHA ALTA

A. Lá no alto da montanha;

Um pássaro cantava;

Kunyn, kunyn, um pássaro cantava;

Kunyn é o nome do picapauzinho;

B. Em cima daquela grande árvore;

Um pássaro dormia;

Kri nữr, kri nữr;

O pássaro dormia em cima.

OBS: O pássaro picapauzinho é do grupo kanhru.

O CÂNTICO DO SAPO COM SUA ESPOSA

VIVENDO NO RIO

A. Existia um sapo;

Que vivia na beira do rio;

B. Era verde sua camisa;
 No inverno também;
 Sentia-se o frio;

C. Viva no rio;
 Alegre ele ficava;
 Viviam na beira do rio;
 E falava assim:
 Mũvẽnh, mũvẽnh;
 Mũvẽnh, mũvẽnh;
 Tógtóg, tógtóg;
 Tógtóg, tógtóg;
 Ke tóg tĩ;
 Assim fazia.

OBS: Lembre-se que o sapo é do grupo kanhru.

PÉPO TI TÓG ã PRŨ FI MRÉ TỠNH FÃ VỄ
GOJ KÂMỈ TỈGTỈ

A. Pépo vỹ nĩgtĩ;
 Goj fyr ka tóg nĩgtĩ;

B. Ti kamĩsa vỹ
 Tánh nĩ hamẽ;
 kejẽn tóg kusa;
 Mễg tĩ ge;

C. Goj kâmỉ tóg tĩgtĩ;
 Kỹ tóg ti mỗsér tĩ;
 Goj fyr kã tóg nĩgkỹ ge tĩ;
 Mũvẽnh, mũvẽnh;
 Mũvẽnh, mũvẽnh;

Tógtóg, togtóg;

Tógtóg, tógtóg;

Ke tóg tĩ.

PÉPO TI TÓG Æ PRÛ FI MRÉ TỠNH FÃ

TI MỠSÉR VỄ

A. Inh pi jan;

Hatỹvĩ nữ;

Hãra sỹ ãjag;

Mỹ isũ ỹ tónh ma;

Kỹ ge vễ hamẽ;

B. Tam ke, Tam ke;

Tam ke, Tam ke;

Hum, hum, hum;

Ke tóg tĩ;

C. Pépo vễ, pépo vễ;

Pépo vễ, pépo vễ;

Tam ke, Tam ke;

Tam ke, Tam ke;

Hum, hum, hum;

Ke tóg tĩ.

KAJỄR TI TỠ TỠNH FÃ VỄ

KAJỄR VỠ VỄNHYG TỠ

A. Kajễr vỠ gẫr tótón tĩ;

Ti tỠ krẫr jễ;

Hãra gẫr tóg ti mỹ;

Mur tũ nữ;

B. Kỹ mỗg vỠ ti jũ tĩ;

Ãpỹ tỠ mur tũ nữn kỹ;

Kajêr vỹ vênhyg tĩ;
Ti tóg mĩg ve kỹ.

O CÃNTICO DO MACACO

O SORRISO DO MACACO

A. O macaco torra o milho para plantar;
Mas a ele o milho não nasceu!

B. O tigre ficou brabo com ele;
Por causa que a roça não nasceu;
O macaco fica sorridente;
Quando vê o tigre, isso;
É uma forma de gozação.

OBS: O macaco é do grupo kamẽ.